



Carta-convite

Prezados colegas e colaboradores

Em 1907, Freud proferiu uma conferência (publicada em 1908 numa revista literária de Berlim), cujo título era “O poeta e a atividade de fantasia” (título da tradução, dirigida por J. Laplanche, para o francês do alemão de: “Der Dichter und das Phantasieren”). Ele aborda a questão “de onde o poeta retira seus temas” e se propõe a uma análise da “atividade poética”. Freud reconhece esta última como algo que caracterizaria todo homem e não somente os poetas, dizendo que os próprios poetas já afirmaram que “em todo homem se esconde um poeta e o último poeta só morrerá com o último homem” (Freud, 1907, p.161).

Freud mostra que já na infância, através do “brincar”, a criança exerce uma atividade semelhante à do poeta, uma vez que cria para si seu próprio mundo. O que corresponderia ao brincar, a partir da adolescência, seria a atividade de fantasia, o “fantasiar” (“rêverie”, em francês). Nesse texto, renunciando Winnicott, Freud mostra que o que está em jogo é a oposição entre o fantasiar/brincar e a realidade. No brincar, há a possibilidade de obtermos prazer com coisas que normalmente não desencadeiam prazer na realidade. Introduzindo essas ideias, Freud cria um modelo para a atividade poética: “Uma poderosa experiência atual desperta no poeta a lembrança de uma experiência já vivida antes, pertencendo com mais frequência à infância, da qual emana agora o desejo que cria para si sua realização na obra poética” (Freud, 1907/2007, p. 169). Também acrescenta a essa fonte infantil o que chama de “o tesouro popular dos mitos, lendas e contos” (Freud, 1907/2007, p.169). O modelo freudiano da atividade poética é análogo ao modelo do sonho e do trabalho do sonho.

No final de seu artigo, Freud se interroga como o poeta suscita em nós os efeitos de afeto, despertados por sua criação. Chama essa liberação específica de afetos de “efeitos poéticos”, sendo esse seu segredo mais específico. Ele simplesmente lança a ideia de que o poeta deve desenvolver uma técnica de superação da repulsa ligada aos conteúdos de suas fantasias.

Manuel Bandeira, no texto “Poesia e prosa”, apresenta inúmeras definições de poesia. Para Coleridge: “O poema é aquela





espécie de composição que se opõe às obras da ciência por visar como objeto imediato o prazer e não a verdade” (Bandeira, 1958, p. 1274). A poesia é definida de diversas maneiras, algumas contraditórias entre si. Bandeira recorre a Mallarmé para afirmar que não é com ideias que se fazem versos; é com palavras! Daí a importância do ritmo, da linguagem dividida em unidades rítmicas na poesia. É esse trabalho “artesanal” com as palavras que constitui o ofício do poeta. Podemos nos interrogar aqui sobre a questão da sublimação na poesia.

Para nos aproximarmos de uma reflexão sobre os *fazeres poéticos* cabe falar desses *efeitos poéticos*. Reportamo-nos, então, ao excelente livro de Octavio Paz: *El arco y la lira*, onde, citando Aristóteles, o autor discorre acerca da diferença entre poema e poesia: “Nem todo poema – ou para sermos exatos: nem toda obra escrita sob as leis da métrica – contém poesia” (Paz, 2008, p.14). Para Octavio Paz, um soneto é uma forma literária que precisa ser “tocada pela poesia” para se tornar poema. Há, então, poesias sem poemas. Uma paisagem, um quadro, um encontro com uma pessoa podem ser poesia sem ser poema. “O poético é poesia em estado amorfo, o poema é criação, poesia erguida” (Paz, 2008, p. 14). O poema é o lugar do encontro entre a poesia e o homem.

No fazer poético, o homem-poeta transforma a matéria-prima, que são as palavras. Poderíamos, então, dizer que no fazer psicanalítico o homem-analista transforma a matéria-prima, que são os significantes? Há proximidade, dentro da linguagem, entre esses dois fazeres: o poético e o analítico?

Entre o homem e o seu ser se interpõe a consciência de si. Ou seja, o “Eu consciente”. O homem, ao adquirir consciência de si, separa-se definitivamente do mundo natural, fazendo-se outro no seio de si mesmo. O processo do advento do Eu consciente, “Lá onde estava Isso, Eu deve advir” (Freud), se passa, para nós humanos, por meio e dentro da linguagem. A vertente poética desta é o escape que nos resta e nos conecta, assim como no fantasiar, com esse Ser desse “tempo original”.

O filósofo Heidegger (1958, p. 224), em conferência de 1951, comenta o seguinte verso de Hölderlin:

Pleno de méritos, mas em poeta,
O homem habita sobre esta terra.

Heidegger nos mostra como a poesia nos faz habitar, por meio de um construir, a nossa condição humana. E como morada





da condição humana há a linguagem: “O homem se comporta como se ele fosse o criador e o senhor da linguagem, enquanto que é esta última que é, e continua sendo, sua soberana” (Heidegger, 1958, p. 227).

Do mesmo modo que a poesia é o “fazer habitar originário” do homem, a dimensão poética aparece na fala da mãe com seu bebê e fundamenta, na sedução generalizada, a constituição do sujeito humano barrado pela existência do Inconsciente.

Poéticas, fazeres poéticos que provocam efeitos poéticos, conectando o homem com seu ser mais profundo. Eis aí nosso estimulante tema para o próximo número da Revista *ide*!

Lançamos algumas questões iniciais para estimular cada um de vocês a nos enviar um artigo sobre nosso tema: que relação existe entre esses dois fazeres o psicanalítico e o poético? Como se produz esse estado emocional e como ele se torna um poema? Haveria momentos poéticos no trabalho psicanalítico? A dimensão poética da linguagem guardaria uma íntima relação com o Inconsciente?

Boas reflexões e inspirações a todos que queiram colaborar conosco!

José Martins Canelas Neto
Editor



Bandeira, M. (1958) Poesia e verso. In *Poesia e prosa* (Vol. II, pp. 1271-1282). Rio de Janeiro: Aguilar.

Freud, S. (2007). Le poete et l'activité de fantaisie. In S. Freud. *Oeuvres complètes* (Vol. VIII, pp. 159-171). Paris: P.U.F., 2008. (Trabalho original publicado em 1907.)

Heidegger, M. (1958). ...L'homme habite em poete... In M. Heidegger. *Essais et conférences*: (pp. 224-225). Paris: Gallimard.

Paz, O. (2008) *El arco y la lira*. México: FEC.

REFERÊNCIAS

I
I

